

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

O Massacre da Venda Grande

Designado pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, aqui estou no dia do sesquicentenário do combate de Venda Grande, para a missão que recebi, não com as credenciais de oradores que me antecederam nestas comemorações, pois nos meus quase noventa e três anos de idade, não posso mais pretender forças para novas pesquisas como as que já executei e que me foram necessárias para a redação de livros que publiquei, um, o primeiro, dando a Campinas sua história urbana sequente, desde a pré-história até o final do século passado, e outro, nos mesmos moldes, da história rural, enquanto valorosos historiadores de nossa cidade não passaram da história fragmentada, jornalística, valiosa mas sem a abrangência de um período maior, vasto e marcante.

Falo-vos, ~~portanto~~ como o nonagenário que ainda pode relembrar fatos isolados que reúnem a história e a tradição decoradora de que dispunham os moços do meu tempo, dos velhos tempos mais remotos, tão preciosos para a mocidade ainda ávida dos conhecimentos.

Estamos no dia exato do combate que foi o batismo sangrento entre irmãos brasileiros, até aqui evitado como se as tropas, de lado a lado, não quizessem combater manchando de rubro o solo pátrio.

Campinas que marcou desde o seu primeiro morador Francisco Barreto Leme, aqui estabelecido em 1741, e então seguido por outros moradores atraídos pelas terras exuberantes da região, teve rápido desenvolvimento, vivendo de modestos sitiantes, os próprios trabalhadores com suas famílias e alguns mais abonados com colaboração de poucos escravos, que abasteciam seus lares, produzindo para o próprio sustento. As terras eram tomadas por posse, o que o próprio governo português permitia e acoroçoava para povoar sua colônia, até a última década do setecentismo, quando irmãos do nosso primeiro vigário, Frei Antônio de Pádua Teixeira, o primeiro entusiasta e propagador da excelência

de terras de Campinas, haviam vindo de Baependi com seus pais e irmãos abastados todos-filha, genro e netos de mineradora de ouro.

Fundaram, com o ituano Antonio Ferraz de Campos, na década de 1790, os três primeiros engenhos de açúcar de Campinas, seguidos, já no século seguinte, por outros abastados que passaram a multiplicar seus haveres com a nova atividade.

Aos 16 de novembro de 1797, baixou o Capitão General de São Paulo, a portaria que elevou o distrito, ou freguesia de Campinas, à vila de São Carlos, vindo à nossa vila o ouvidor geral Dr. Caetano Luís de Barros Monteiro para promover a ereção da vila com o levantamento do pelourinho, a demarcação do rocio, a fixação de limites ou termo do novo município, a presidir a primeira eleição de juizes e vereadores, "com outorga de sua plena autonomia, presentes "clero, nobreza e povo"; fez-se a ereção, levantou-se o pelourinho e demarcou-se o paço em 14 de dezembro.

Ao alvorecer do século vinte, em sua primeira década quando meu pai, campineiro nato, pelos seus antepassados em Campinas desde o ano da fundação do povoado em 1774, mas que fora mandado para Santos a fazer carreira no comércio de café, eu, ainda no colo de minha mãe, vinha a esta cidade em visita a muitos parentes, fazendeiros participantes da produção cafeeira, então a maior riqueza da exportação do país. E já na fase do meu "jardim da infância", repetia habitualmente o passeio, visitando parentes e ouvindo curioso o relato de saudades dos mais velhos e beber-lhes as memórias como ignorante, mas, de futuro, apaixonado no assunto histórico. Então, contavam-me as grandezas de um passado brilhante, cujas datas eu as conheceria com o passar do tempo.

Assim, ainda menino, ouvia de filhos de participantes da revolução de 1842, externando dolorosas impressões paternas das testemunhas do horrível massacre de prisioneiros feridos que jaziam em leitos no hospital de sangue improvisado no sobrado desabitado do Engenho da Lagoa.

Este sobrado se achava em inventário "mortis causa", pelo falecimento de seu último proprietário, o Major Teodoro Ferraz

Leite, duas vezes viúvo. Foi então aproveitado para sede da tropa revoltosa, do Partido Liberal, na ocasião, sob a chefia de Antonio Manuel Teixeira e Reginaldo Antônio de Moraes Sales.

Na capital do Estado, preparavam-se os liberais com astúcia e segurança, divididos em "grupos de invisíveis", elementos que recebiam instrução apropriada e pelos quais se distribuía armamento, clavinotes próprios de guerra. Estes grupos de invisíveis eram dirigidos por chefes, como tais só conhecidos pelos seus subordinados. A ação deles seria pronta e inesperada, visando a deposição do presidente Costa Carvalho e aclamação de Tobias de Aguiar para substituí-lo, dominando toda a província.

Viriam reforços de outros Estados, como de Minas e Paraná. Estes últimos, porém, logo debandaram por entendimentos com os conservadores e mediante a garantia de ser a Comarca de Curitiba e vasto território anexo, elevados à uma nova província desligada de S. Paulo.

Mas os projetos de sublevados chegaram ao conhecimento do presidente Costa Carvalho que, de pronto, apelou para o chefe do ministério conservador tomando-se a providência de nomear, para pacificar São Paulo, o Barão de Caxias, glorioso e recente pacificador do Rio Grande do Sul, considerado um militar de capacidade invencível.

Sem dispor de tropa suficiente, Caxias aplicou sua estratégia antes de sair do Rio de Janeiro, fazendo anunciar em São Paulo que dispunha de abundante elemento militar; entretanto viajando com falta de homens para a capitania paulista onde guarneceu a margem direita do rio Pinheiros, aqui confirmou os boatos que enviara do Rio, convidando o comandante da força revolucionária da margem esquerda do mesmo rio, para depor as armas pois a ele não comunicava o poderoso numero de soldados a seu comando, porque o inimigo não iria acreditar na informação. E o inimigo na margem esquerda do rio, deixou de atacar as tropas governistas para evitar um derramamento inútil de sangue, crendo verdadeira a afirmativa de Caxias.

Em Campinas, com a presidência da província ocupada pelo conservador Costa Carvalho, elegeu-se nova Câmara, agora composta só de seus correligionários, obrigando os liberais revolucionários a se acantonarem fora da cidade onde cresciam em numero, buscando elementos voluntários em visinhas cidades ainda dominadas pelos liberais.

Para a situação precária da cidade sem tropas, mandou Caxias um contingente sob o comando do Tenente Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, distinto e habil oficial que chegou a Campinas no ocaso do dia 6 de junho e já no dia 7 pela manhã se dispôs ao ataque em duas frentes: pelo engenho do Chapadão, com cavalaria, para ludibriar os revoltosos no visinho engenho da Lagoa, e pelo sítio do presidente da província na estrada de Piracicaba para um ataque da infantaria com armas modernas e de maior alcance, superior ao armamento de caçadores rebeldes.

Chegando a sede do engenho Chapadão, a cavalaria tratou de vasculhar toda a sede numa bem pensada medida de segurança. A sede já havia sido deixada pela família do proprietário e ficara entregue a uma escrava de confiança e conhecida pelos brancos como "Mamã Caetana" que recebeu a tropa com atenção e obsequios.

Mamã Caetana era uma escrava de confiança e recebera a incumbência de gerir a casa dos senhores do engenho. Bondosa, de trato delicado e tratada com estima, tornou-se governante excelente, indispensável, com uma intimidade e estima de segunda mãe. E ao ter aviso da chegada ao engenho de tropa do exército imperial, fez subir para o forro da casa o grupo grande de moços parentes e seus amigos, armados e municiados para os eventos de guerra.

A tropa vasculhou tudo, toda a casa e interpelou a Mamã se havia alguém no forro ao que ela respondeu afirmativamente surpreendendo os militares até o esclarecimento: "havia ratos e gambás" provocando hilariedade e a indiferença dos militares que já confiavam naquela tão leal e atenciosa informante.

E ela era uma escrava!

A cavalaria imperial provocou, ali do engenho do Chapadão, os revolucionários do engenho da Lagoa, vizinhos para o lado do nascente, todos desprevenidos pois ainda não sabiam da chegada do exército imperial; a maior parte dos revoltosos se achava ausente, por terras vizinhas, pescando caçando, a espera de reforço que viria de Piracicaba trazido por Moraes Sales.

Ao alarme, na eminência de um ataque, prepararam e acionaram sua pobre artilharia, dois canhõesinhos de projétil esférico, sem explosivos, que chegou a atingir e matar um cavalo. Mas a surpresa para os revoltosos estava no seguinte ataque pelo flanco, de fuzilaria com maior alcance que as armas de caça dos liberais.

Com defesa ineficiente, morte de uns e fugas de outros convencidos de uma impossível resistência, fácil foi o domínio do Tte Coronel Bezerra.

A sede do engenho da Lagoa, inabitada pela morte do proprietário, achava-se em processo de inventário, mas inteira e luxuosamente mobiliada, foi saqueada e transformada em hospital de sangue servindo para acomodação dos feridos enquanto os demais eram prêsos, especialmente os revoltosos oficiais reformados do Exército que anoitecendo eram levados para Campinas sob o comando de Amorim Bezerra, deixando o engenho entregue à força paulista, os assalariados do Padre Ramalho. Estes covardemente e durante a noite, assassinaram os feridos em seus leitos de hospital. E eles mesmos os sepultaram em vala comum à frente do sobrado, procurando ocultar sua covardia.

Mas não ficou nisto a sanha dos aventureiros assalariados: passaram a procurar revoltosos nos esconderijos próximos, assassinando um menino empregado da "Venda Grande" que lhes implorava que o deixassem viver, e, já próximo à cidade, um ferido que fugira, caído na calçada, sem forças e carente de socorro.

O levante de 1842 havia sido preparado sabiamente na Capital da província: já existiam os blocos dos invisíveis, com seus respectivos chefes; para eles houve distribuição de clavinotes e munição, tudo em segredo para uma ação de surpresa na própria capital que poria a perder o governo do baiano José da Costa Carvalho, Barão de Monte A-

B I B L I O G R A F I A

Amador Bueno Machado Florence - testemunha ocular, na "Gazeta de Campinas", doze colaborações de 7 de junho a 13 de julho de 1882, com testemunho do chefe revolucionário de Campinas, Antônio Manuel Teixeira.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol 31, pags. 278 a 307.

Anais do Museu Paulista, "Documentos" de fls. 371 a 381.

Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, nº 64 pgs. 117 a 119.

"Gazeta de Campinas" de 15 e 17 de julho de 1877.

Leopoldo Amaral, "A Venda Grande", na "Gazeta de Campinas" de 7 de junho de 1927.

Omar Simões Magro - "Os Apuros de Um Chimango" no "Diário Popular" de 16 de maio de 1932.

E. Vilhena de Moraes . "Quem Conta Um Conto" em "A Razão" de 12 de setembro de 1931.

Aluísio de Almeida- A Revolução Liberal de 1842".

Tradições de Família, constantes do testemunho do chefe revolucionário, Antônio Manuel Teixeira, cujo irmão Luciano Teixeira Nogueira de Camargo (bisavô ^{do} autor deste relato) era, na ocasião, proprietário da Fazenda Chapadão; na "Gazeta de Campinas" de 10 de junho de 1882.